

Sexualidades múltiplas: uma análise das incertezas e conflitos entre pessoas poliamorosas em relações heterossexuais

Maria Silvério¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar como pessoas que mantêm relações poliamorosas heterossexuais lidam com sua sexualidade em termos de orientação e identidade, além de perceber transformações, ressignificações e convergências entre a sexualidade hegemônica e outras marginalizadas. As análises são baseadas em entrevistas em profundidade realizadas em Belo Horizonte com oito mulheres e seis homens cisgênero. O poliamor se fundamenta na possibilidade de estabelecer múltiplos relacionamentos afetivo-sexuais ao mesmo tempo com o consentimento de todas as pessoas envolvidas. Observa-se que as pessoas entrevistadas questionam e recusam noções fixas, incorporando em seus debates a crítica queer de que tais atributos são mutáveis, fluidos e dinâmicos. No caso das mulheres, uma simples curiosidade em se envolver com outra mulher pode ser suficiente para elas subverterem ou renegarem a heterossexualidade, apesar da predominância de relacionamentos com homens. Já entre eles, a possibilidade da não-heterossexualidade causa muito mais resistência e conflitos para a construção da própria identidade, orientação e desejos sexuais.

Palavras-chave: Poliamor. Não-monogamia consensual. Heterossexualidade. Bissexualidade. Homossexualidade.

Multiple sexualities: an analysis of uncertainties and conflicts between polyamorous people in heterosexual relationships

Abstract: This article aims to analyze how people who have polyamorous heterosexual relationships deal with their sexuality in terms of orientation and identity, in addition to perceiving transformations, resignifications and convergences between hegemonic and other marginalized sexualities. The analyzes are based on in-depth interviews conducted in Belo Horizonte with eight women and six men cisgender. Polyamory is based on the possibility of establishing multiple affective-sexual relationships at the same time with the consent of all the people involved. It is observed that the people interviewed question and reject fixed notions, incorporating in their debates the queer criticism that such attributes are changeable, fluid and dynamic. In the case of women, a simple curiosity to get involved with another woman can be enough to subvert or deny heterosexuality, despite the predominance of relationships with men. Among them, the possibility of non-heterosexuality causes much more resistance and conflicts for the construction of their own identity, sexual orientation and desires.

Keywords: Polyamory. Consensual non-monogamy. Heterosexuality. Bissexuality. Homosexuality.

¹ Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), pólo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal. E-mail: mariassilverio@hotmail.com

Introdução

Este artigo é parte da minha tese de doutorado em antropologia (Silvério, 2018) em que entrevistei 85 pessoas (48 mulheres e 35 homens) em Belo Horizonte (Brasil) e Lisboa (Portugal) que vivenciam algum tipo de não-monogamia consensual (NMC), como o *swing*, relacionamento aberto, poliamor e anarquia relacional. As reflexões apresentadas aqui são baseadas em entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado com oito mulheres e seis homens com idades entre 23 e 36 anos que vivenciam ou se identificam com o poliamor, modelo relacional que defende a possibilidade de amar e manter múltiplos relacionamentos amorosos, íntimos e/ou sexuais ao mesmo tempo de maneira consensual.

O único critério inicialmente usado para selecionar as pessoas entrevistadas é que elas se envolvessem em relações heterossexuais, de modo a analisar como lidam com sua sexualidade em termos de orientação e identidade, além de perceber transformações, ressignificações e convergências entre a sexualidade hegemônica e outras marginalizadas. As entrevistas tiveram duração entre duas e cinco horas cada e foram realizadas em Belo Horizonte entre janeiro e maio de 2016.

Como à época não conhecia pessoalmente ninguém na capital mineira que mantinha relações poliamorosas, o primeiro método utilizado foi solicitar participação espontânea através de mensagens postadas em dois grupos do Facebook dos quais eu fazia parte. Um deles é “Poliamor” (atualmente “Poliamor e Diversidade”) e o outro já extinto denominado “Não Deixe a Libido Morrer”, criado por um grupo de amigas de Belo Horizonte com o intuito de partilhar somente entre mulheres conteúdos referentes à sexualidade. O grupo se expandiu rapidamente e tornou-se uma importante rede de sororidade e troca de informações variadas com um viés feminista e inclusivo.

A partir deste primeiro contato, utilizei o método “bola de neve” que consiste em solicitar às pessoas previamente localizadas que indiquem outras que se enquadrem nos critérios definidos para a pesquisa (Fernandes e Carvalho, 2000), o que neste caso incluiu também a indicação de pessoas com quem mantinham relações afetivo-sexuais. Apesar da ausência de critérios sociodemográficos específicos para a seleção das

pessoas entrevistadas, nota-se certa homogeneidade sociocultural. Todas as 14 frequentam ou concluíram um curso superior, algumas têm mestrado ou doutorado, e as entrevistas foram marcadas por um considerado grau de reflexividade assentada em ideias e conceitos provenientes das ciências sociais. Com frequência as pessoas citavam autores, teorias, livros, filmes, trechos de música e poemas.

Este artigo está dividido em três partes: na primeira, destaco algumas características relevantes para se compreender aspectos conceituais e estruturantes do poliamor. Na segunda parte, reflito sobre as experiências e discursos das oito mulheres entrevistadas. Por fim, realizo o mesmo processo em relação aos seis homens, destacando as divergências e semelhanças em comparação às mulheres, de modo a evidenciar distintos percursos identitários, práticas e desejos sexuais.

Poliamor: algumas características

O surgimento do termo poliamor para se referir à possibilidade de amar e manter múltiplas relações amorosas, íntimas e/ou sexuais ao mesmo tempo de maneira consensual é atribuído a dois contextos distintos, ambos no começo dos anos 1990 nos Estados Unidos, conforme mostra Cardoso (2017). O primeiro caracteriza uma vertente religiosa neopagã, mística e espiritualista fundamentada na ideologia comunitarista preocupada com a constituição de laços interpessoais mais centrados no bem comum. Pilão (2017) enfatiza que esta vertente é remanescente ou influenciada pelas comunidades alternativas e movimentos hippie e contraculturais dos anos 1960-70, podendo ser caracterizada como uma atitude de “renúncia do mundo social”.

Já a segunda vertente é associada à criação de um fórum de discussões na internet para formar um grupo de entreatada para lidar com problemas referentes nomeadamente ao indivíduo e à gestão de suas relações privadas no que remete à esfera emocional (Cardoso, 2017). Predomina nessa “segunda onda”, majoritária em diferentes países nos dias de hoje, um ascetismo mais “intramundano” e menos “fora do mundo”. A renúncia dessa nova geração formada geralmente por pessoas de classe média, consumidoras e profissionais influenciadas também pelo movimento *punk* e pela

cena *geek*² se dá dentro da sociedade urbana e virtual do século XXI e não em contextos paralelos (Pilão, 2017).

Independente da vertente, Cardoso (2017) chama atenção para o fato de a palavra poliamor ter sido criada pelas próprias pessoas que se identificam como tal e estão interessadas em discutir sobre o assunto, ao contrário de outras identidades que surgem em contextos medicalizados e patologizantes, como a homossexual. Pilão (2017) acrescenta que é recorrente entre pessoas poliamorosas a crítica à constituição de uma identidade em comum e a “fusão” com as pessoas amadas, pois elas se consideram “completas” ou “incompletáveis”. Por isso, apenas se “complementariam” umas nas outras, compartilhando experiências e emoções. A proposta, portanto, não seria a constituição de si a partir da outra pessoa e tampouco alcançar uma unidade entre elas. O autor afirma que entre seus interlocutores, os vínculos poliamorosos parecem buscar manter e ressaltar as diferenças individuais a fim de preservar a autonomia, já que as pessoas poliamorosas defenderiam a possibilidade de amar sendo fiel a si e não necessariamente às outras pessoas. Neste sentido, a valorização da liberdade implicaria na recusa do amor como propriedade privada.

Ainda de acordo com Pilão (2017), as relações poli se fundamentam basicamente em quatro ideais: liberdade para se relacionar com quem desejar; igualdade de possibilidades para todas as pessoas envolvidas; sinceridade entre elas e predomínio de vínculos amorosos íntimos e profundos em detrimento dos superficiais e sexuais. Adicionalmente, a literatura destaca outros princípios poliamorosos: confiança e consentimento mútuos; acordo voluntário; abertura dialógica; disposição para revelar-se intimamente e tomadas de decisão igualitárias (Haritaworn, Lin e Klesse, 2006). Na avaliação de Pilão (2015), isso faz emergir uma tensão entre dois grupos de ideais estruturantes dos relacionamentos poli³: de um lado, liberdade, espontaneidade, singularidade e diferenciação. De outro, igualdade, reciprocidade, identidade e negociação, manifestando-se também o conflito entre honestidade à outra pessoa ou a si própria.

Adicionalmente, Sheff (2014) enfatiza que uma das características mais distintas das relações poli é sua ênfase na igualdade de gênero, garantindo também às mulheres o acesso a múltiplas parcerias. Grande parte do pensamento e do movimento poli é historicamente liderada por mulheres tanto em âmbito de comunidades quanto de círculo acadêmico. De acordo com Pilão (2017), a crítica à opressão de gênero pode ser dividida em duas posições: uma que afirma a importância da categoria identitária mulher, presumindo a existência de uma oposição entre sexo masculino e feminino; e outra que problematiza tais categorias e as oposições binárias que elas comportam, ressaltando em contrapartida termos como “*queer*”, “transgênero” e “androgínia”. Desta maneira, o autor afirma que mesmo com a manifestação de variados feminismos, é inegável que o poliamor só existe dentro de um ideário igualitário.

Outra característica é que ele desafia uma série de instituições monogâmicas, como os arranjos parentais, o casamento e as situações de coabitação (Mint, 2008). A comunidade poli apresenta várias similaridades com a LGBTQIA+ em decorrência da necessidade do desenvolvimento de estratégias em resposta às mesmas circunstâncias sociais. Os dois grupos precisam inovar as formas de interação com a família “biolegal” e criam famílias de escolha a partir de uma mistura de parentes, pessoas amigas e parceiras atuais e/ou antigas, desafiando assim a categorização convencional de família, demonstrando a utilidade adaptativa do parentesco escolhido e inovando nos papéis, opções e configurações das relações (Sheff, 2011).

Segundo Pilão (2021), os discursos LGBT também são apropriados pelas pessoas poli para legitimar o movimento e explicar suas opressões e sofrimentos, já que elas consideram que o movimento LGBTQIA+ tem sido bem-sucedido no enfrentamento coletivo no campo da sexualidade. Existe, no entanto, uma diferença importante: o discurso LGBT incide centralmente na assimilação da heterossexualidade na tentativa de normalização, aceitação social e igualdade de direitos. Apesar disso, o autor também mostra que há uma relação desigual entre as duas comunidades na medida em que a luta poliamorosa inclui o combate ao

2 ‘Geek’ é um anglicismo e gíria inglesa que refere-se a pessoas peculiares ou excêntricas, fãs de tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinhos, livros, filmes, animes e séries.

3 É extremamente comum a utilização da contração “poli” (em inglês, “poly”) como um termo guarda-chuva que designa um substantivo – “ela é poli”; um adjetivo – “um evento poli” ou referente ao conceito de uma forma mais ampla – “eles são poli simpatizantes”.

preconceito e à marginalização LGBT, além da ideia de que a problematização da norma monogâmica pode se aliar ao combate à heteronormatividade. No movimento LGBTQIA+, no entanto, a posição em relação à não-monogamia (NM) é de ambiguidade, sendo alvo de admiração e respeito por parte de algumas pessoas, mas também de condenação por parte de outras.

Pilão (2017) também pontua que parte do discurso poliamoroso opera a partir da crítica à monogamia e da ideia de que ela é um mal a ser combatido, passando a ideia de que as pessoas poli seriam mais “evoluídas” que as monogâmicas e que o poliamor seria um modelo superior de relacionamento. Conforme mostro em minha tese, esse discurso é cada vez mais criticado na comunidade poli, que atualmente enfatiza que o problemático não é a monogamia enquanto expressão da afetividade e sexualidade ou como orientação relacional, mas sim sua obrigatoriedade social, ou seja, a mononormatividade. Neste sentido, o poliamor pode ser considerado atualmente como o único modelo de não-monogamia consensual de alcance internacional que se caracteriza como um movimento social e identitário que desafia a monogamia compulsória.

Outra característica relevante do poliamor é a tentativa de se estabelecer a partir da ética da amizade, conforme demonstrei em minha tese. Isso vale não somente para a dinâmica de cada relação afetivo-sexual, como para toda a rede de pessoas que fazem parte de um relacionamento poli específico. A melhor maneira de compreender o poliamor seria pensá-lo a partir da lógica das relações de amizade: não se tem somente um vínculo de cada vez; uma nova amizade não gera perdas ou diminui os sentimentos que existem nas outras; cada relação se desenvolve de maneira independente e tem níveis diferentes; não é exigido que determinadas atividades sejam realizadas somente por certas amizades; os vínculos não dependem de rituais ou reconhecimento externo para serem validados; algumas são para a vida toda, mas nem sempre com a mesma intensidade, proximidade ou relevância; ciúme, controle e possessividade não são sinais de amizade; envolvimento sexual ou afetivos com outras pessoas não são caracterizados como infidelidade.

Pilão (2017) enfatiza que o que diferencia os arranjos poli de outras relações conjugais contemporâneas não é a aproximação entre amizade e sexo, mas sim entre

amor e amizade. O anseio das pessoas poliamorosas é poder amar sendo elas próprias, de modo que o “nós” se conjuga com o verbo “estar” e não com o “ser”. Mesmo assim, o casal mantém-se como uma estrutura predominante do poliamor, inclusive para a formação de uma rede que geralmente se forma a partir da inclusão de novas parcerias à relação diádica. “É, portanto, dos limites da vida a dois que emana essa busca por vivenciar experiências mais amplas e abrangentes” (Pilão, 2017: 31).

As relações poli tendem a ser fluidas, flexíveis e em constante mudança. De um modo geral, as pessoas mantêm conexões entre si, mas o tipo de vínculo entre elas muda ao longo do tempo (Sheff, 2014). As transformações normalmente são vistas como contingências que não necessariamente precisam resultar no término da união, pois o poliamor possibilita explorar e vivenciar experiências distintas em cada relação. Além disso, as próprias pessoas também são vistas como mutáveis, proporcionando constantes rearranjos nos relacionamentos que não são sustentados pelo ideal de eternidade (Pilão, 2017). Neste sentido, o poliamor baseia-se em princípios relacionais incertos, pouco definidos e com hierarquias variáveis (Cardoso, 2010).

Sexualidades Femininas

Das oito mulheres entrevistadas, somente duas se identificam como heterossexuais, apesar de todas manterem majoritariamente (ou até então somente) relações com homens. Uma delas é Irene⁴, 35 anos, há mais de 12 em relações NM e atualmente com três “queridos”. Ela diz já ter tido vontade de se envolver sexualmente com mulheres, mas se sente muito satisfeita com penetração peniana e acharia “muito esquisito” fazer sexo de outra maneira. Além disso, afirma não ter coragem de experimentar por receio de frustrar e decepcionar “absurdamente” a outra mulher.

Já Pietra, 24 anos e há cerca de seis meses em sua primeira relação poli, conta que refletir sobre sua sexualidade é algo novo, pois até então nem sequer se permitia envolver ou se interessar por mulheres. Ela diz que recentemente trocou beijos com algumas e gostou, mas não chegou a se envolver sexualmente ou afetivamente. “Acho que sou heterossexual me descobrindo, talvez... seria a definição. Na minha

4 Os nomes utilizados são fictícios para garantir a preservação da identidade das pessoas.

questão eu tenho uma tendência à bissexualidade, eu acho. E fui deixando isso mais aberto...”. Ela acrescenta que se considera demissexual⁵ por quase sempre só desenvolver interesse sexual depois de conhecer bem e ter uma relação sentimental com a pessoa.

As outras seis entrevistadas não se identificam como heterossexuais, a exemplo de Ermelinda, 33 anos, mãe de três crianças e há cerca de um ano e meio em um trisal⁶ com uma mulher e um homem que coabita com as crianças. Ela declara que sua primeira relação não-exclusiva foi há cerca de 10 anos e que já teve relações íntimas com mulheres e homens, mas nunca foi uma preocupação rotular sua orientação sexual.

Bruna, 25 anos, atualmente com dois parceiros, envolveu-se pela primeira vez em NM aos 21. Ela explica que a maneira “mais fácil” é dizer que é bissexual, mas ressalva que muita gente bi não se atrai por pessoas transgênero, algo que não seria um problema para ela. “Às vezes me atraio por homens super *queer* ou mulheres super andróginas, ou nada disso, e também pelo padrão. O que não significa que me atraia por muitas pessoas. Mas gosto de pensar que me atraio por pessoas, e não por gêneros específicos”.

Já Cecília, 30 anos, envolve-se de maneira não-mono desde sua primeira relação aos 16 e atualmente está com duas pessoas. Ela afirma que sempre foi bissexual porque começou a beijar mulheres e homens na mesma época, embora tenha tido relacionamentos afetivos e sexuais somente com homens até dois anos atrás, quando se apaixonou pela primeira vez por uma mulher. Atualmente se considera pansexual, definindo o conceito da seguinte maneira: “a gente vai se informando mais e vê que o pan não tem essa coisa de gênero, não é? Sente atração pelos não-binários, por todos esses gêneros aí, que são vários. E a menina que eu namoro hoje é trans. Menina... A gente fala assim porque ela ainda não se define muito bem” e nasceu com o sexo biológico feminino.

Marina, 24 anos, atualmente em sua primeira relação poli com três relacionamentos, assumiu-se bissexual para a mãe aos 15 anos e no começo de sua vida afetiva e sexual relacionou-se nomeadamente com lésbicas. Já Antonieta, 23 anos, envolveu-se de forma não-mono com dois parceiros há cerca de dois anos e ainda está com um deles. Ela demonstra certa dúvida

acerca de sua orientação sexual: “É uma coisa nova, mas eu não tenho como falar que não sou bi [risos] porque a partir do momento que eu me relaciono com homem ou mulher, sabe? Sim... tem sido uma descoberta mesmo... e tranquila”.

Por sua vez Raquel, 23 anos, há sete meses em sua primeira relação poli, relata que gostava de beijar mulheres quando era mais jovem, mas sempre considerou uma “coisa de adolescente”. Há poucos meses, envolveu-se sexualmente pela primeira vez com outra mulher e gostou muito da experiência. “Aí, virei e falei ‘não tenho problemas e nem restrição com isso’. Porque antes eu pensava assim: ‘eu gosto de beijar meninas, mas eu nunca fiz sexo, então eu não sei como é a minha relação com isso’. Depois que eu fiz e gostei, não tenho problemas. (...) Sim, sou bi”. Ela acrescenta que atualmente sente por uma conhecida um amor que às vezes chama de “platônico”, mas na realidade é muito mais do que isso porque é bastante forte. “Eu queria muito estreitar os laços com ela. Acho ela uma menina extremamente inteligente... É muito difícil eu me atrair pelo físico da pessoa. Eu me sinto atraída pela conversa, pelo jeito, por essas coisas”.

Diversas pesquisas mostram ser elevada a incidência da bissexualidade, principalmente de mulheres, no universo NM. Pilão (2017) destaca um estudo em que somente 16,4% das pessoas bissexuais vivem alguma forma de monogamia e outro em que 75% mantêm relações NMC, sendo 44% destas poliamorosas. Já uma análise em comunidades de redes sociais *online* no Brasil mostra que pouco mais de 50% das mulheres se identificam como bissexuais e 20% como hétero, proporção praticamente inversa a dos homens: pouco mais de 20% se identifica como bi e mais de 50% como hétero (Pilão, 2012). Já em Bornia JR (2018), das dez mulheres entrevistadas, oito se identificam como bissexuais, uma como hétero e outra prefere não se definir, mas os envolvimento com outras mulheres são principalmente de forma esporádica, algumas vezes sem sexo.

Esta desproporção em relação ao percentual de bissexualidade feminina e masculina suscita constantes debates. É comum ver alegações nas redes sociais de que se trata sobretudo de uma cedência ou submissão das mulheres para atender aos desejos do companheiro de

5 Termo usado para designar uma pessoa que sente atração por alguém com quem possui uma ligação emocional ou afetiva.

6 Trisal é um termo aparentemente criado (e preferido) na comunidade poliamorosa no Brasil que caracteriza uma relação entre três pessoas que se envolvem entre si.

estar sexualmente com duas mulheres, principalmente no que se refere ao swing e aos relacionamentos abertos⁷. Paralelamente, é enfatizado que muitas mulheres aceitam, não se incomodam ou preferem esse tipo de relação porque também estão interessadas em se envolver sexualmente com mulheres (Pilão, 2017; Silvério, 2018).

A fetichização da bissexualidade feminina por parte de homens e casais é fortemente criticada no meio não-monogâmico, mas no poliamor as mulheres bissexuais também recebem propostas para realizar as fantasias sexuais dos casais, pois supostamente não teriam os pudores das heterossexuais e aceitariam tudo, diferentemente das lésbicas (Pilão, 2017; Silvério, 2018; Bornia JR, 2018).

Pilão (2021) acrescenta que os recorrentes argumentos feministas e o discurso de valorização da liberdade, intensificados pela forte conexão entre os grupos não-mono, feministas e LGBTQIA+, fazem com que muitas mulheres poliamorosas se sintam pressionadas a multiplicar seus envolvimento afetivos e sexuais de modo a não se considerarem atrasadas, inadequadas ou machistas que se submetem ao domínio patriarcal da monogamia. Segundo o autor, algumas bissexuais que mantêm relações com homens e procuram outras mulheres para sexo a três, por exemplo, reclamam que são vistas como assujeitadas, silenciadas e movidas pelo interesse dos parceiros. Já outras afirmam que o seu “não” é sempre questionado e apontado como incoerente com sua posição libertária.

Apesar da recorrente identificação das mulheres como não-heterossexuais, é visível a predominância de relacionamentos íntimos, afetivos e sexuais com homens. Uma pesquisa com 1.093⁸ pessoas poliamorosas mostra que 61,4% das mulheres relatam ter duas relações primárias com homens; 21,2% um vínculo primário com um homem e um secundário com uma mulher; 8,1% uma parceria primária feminina e uma secundária masculina e 4% têm duas relações primárias com mulheres.

No caso dos homens, 86,6% relatam ter duas relações primárias com mulheres; 4,9% um vínculo primário com uma mulher e um secundário com um homem; 4,6% têm duas relações primárias com homens e 1,2% uma parceria masculina primária e uma

feminina secundária (Mitchell, Bartholomew e Cobb, 2013). No estudo de Bornia JR (2018), a precedência de relações heterossexuais é justificada pelas participantes pelo costume, facilidade em encontrar homens, percebidos como “sempre disponíveis”, ou pelo fato de serem relações não estigmatizadas e que não as exporiam ao preconceito, a chamada “passabilidade hétero”, conforme uma das entrevistadas.

Outro aspecto que pode ajudar a compreender esta questão é ressaltado por McLean (2004) em um estudo com 60 pessoas bissexuais em relacionamentos abertos hétero: muitas delas deliberam e sentem-se mais confortáveis quando as parcerias se envolvem com pessoas do mesmo sexo. Na minha pesquisa, isso foi mencionado por algumas entrevistadas, mas elas enfatizam que geralmente não é algo que interfere em sua motivação ou decisão de com quem vão se relacionar.

Marina, por exemplo, relata que foi muito mais fácil e tranquilo para o namorado mais antigo aceitar sua parceira do que seu outro companheiro. Segundo ela, os dois geralmente competem entre si e procuram sempre ser e fazer melhor do que o outro. “É aquela coisa, não é? ‘É outra mulher. Não me oferece tanto risco’, entende? Eu acho que foi a questão da masculinidade afetada. (...) O negócio dos dois é mais ego masculino. Daí, eles não se sentem ameaçados por ela”. Já um dos entrevistados de Bornia JR (2018) afirmou que ele e a companheira buscavam uma namorada para o casal porque a parceira queria se envolver com uma mulher e já tinha um homem que, segundo ele, a satisfazia em todos os quesitos que um homem poderia oferecer, não sendo necessário um “concorrente”.

Na minha pesquisa não é possível fazer a mesma análise em relação às entrevistadas já que seus parceiros praticamente não se envolvem com outros homens. Um dos que aborda a questão é Guilherme, 29 anos, que teve sua primeira relação aberta por volta dos 16 e atualmente está com Cecília e outra companheira. Ele explica que apesar de ter sido inicialmente um pouco estranho acompanhar o primeiro envolvimento afetivo de Cecília, ficou feliz, entusiasmou-se com os sentimentos dela, ajudou-a em tudo e ouviu seus desabaços, embora reconheça que tudo foi mais tranquilo porque era uma mulher. “Se fosse menino,

⁷ Para compreender melhor as diferenças e semelhanças entre os modelos de não-monogamia consensual, ver Silvério (2018).

⁸ A designação por gênero não corresponde a 100% porque algumas pessoas não identificam o gênero daquelas com quem mantêm relação ou não as identificam de maneira binária.

por exemplo, eu acho que poderia ter encaminhado para o ficar hoje de qualquer forma, mas acho que teria sido mais difícil, eu teria colocado regras, teria tentado segurar as coisas um pouco. (...) Não sei se é uma competição ou uma ameaça...”

Por outro lado, ele diz que Cecília também se sentia mais confortável e segura quando ele beijava homens ao invés de mulheres, a ponto dela inicialmente propor que os envolvimento externos de ambos fossem somente com pessoas do mesmo sexo. “As vezes que eu fiquei mais frequente nesse comezinho foram com um menino [magrinho, de cabelos longos, com aparência feminina] e uma menina trans. E a Cecília ficava mais de boa... Ela não sentia assim aquela ameaça, aquela coisa de uma outra menina”.

Já em Bornia JR (2018), um casal que vivia um relacionamento aberto e preferia ter relações afetivas e sexuais hétero, frequentemente se incomodava com o ciúme da parceria. Só não havia ciúme quando ficavam com pessoas do mesmo sexo. O casal tinha a regra de que era proibido levar alguém para transar em casa, a não ser que a pessoa fosse do mesmo sexo, ou seja, ela levar uma mulher, e ele um homem.

Diante destes exemplos, mesmo que as relações não-monogâmicas sejam apontadas com potencial para que bissexuais transcendam as dicotomias de gênero e sexualidade através da possibilidade de uma mesma pessoa se relacionar de maneiras variadas (Pallotta-Chiarolli, 1995), pode-se afirmar que a heteronormatividade contribui para a deslegitimação, descredibilização e inferiorização das relações, sexualidades e sentimentos entre pessoas do mesmo sexo/gênero até mesmo por mulheres e homens bissexuais e não-monogâmicas por supostamente causar menos ciúme, diminuir a sensação de ameaça, competitividade e risco de perda.

Paralelamente, porém, outro aspecto chama atenção no discurso de algumas entrevistadas. Raquel afirma estar sem paciência e com um pouco de receio de se relacionar com homens. “Hoje em dia eu acho mulher muito mais interessante tanto para conversar, quanto para sair, se relacionar... e por essa autonomia sexual também, sabe? (...) Porque mulher é mais interessante mesmo”. Cecília conta que também tem preferido se envolver com mulheres porque está “com preguiça de homem”, já ficou muito tempo se relacionando com eles e “tem muitas mulheres maravilhosas para conhecer, então...”.

Já Marina relata que é necessário se esforçar muito para manter uma relação heterossexual porque exige muita discussão e desconstrução dos parceiros e de si mesma. “Tem hora que a coisa pesa. Tem uns momentos que... É difícil. (...) É muito triste, sabe, você ser resumida só a peito, bunda, perna... A mulata gostosa, entende? Então, é bem complicado mesmo lidar com relacionamentos com homem no geral”.

Ermelinda explica que uma das razões para sua relação ser aberta apenas para envolvimento sexuais com mulheres é justamente o fato de não querer se envolver com outros homens. “Não é que eu não tenha vontade, mas a imagem construída do homem na minha vida, através das relações que eu tive, me desencoraja... pela atitude do homem diante da relação sexual... de ser uma coisa feita para o prazer dele”.

Ela acrescenta que em termos sexuais suas relações hétero foram muito mais difíceis, frustrantes e menos satisfatórias do que as com mulheres, até mesmo em situações de sexo casual. “Eu acho que os homens estão muito acostumados a serem cuidados pelas mulheres, então eles não estão predispostos a perceber a mulher, sabe? O que aconteceu comigo foi que várias vezes parecia uma coreografia ensaiada e... executarem essa coreografia. Mas quase nenhum sabia, por exemplo, para que existe clitóris ou o que fazer com ele”.

Antonieta evidencia essas questões da seguinte maneira:

Hoje em dia eu questiono tantas coisas e tantas atitudes, que eu tenho meio... é preguiça mesmo... de envolver com outros homens de uma forma mais profunda. Porque dá muito trabalho! Eu realmente acho que a conversa ela é diária, essa coisa da política feminina e o tempo inteiro estar discutindo sobre isso e tudo mais (...). Então, eu não tenho tesão por alguém com quem eu não converse ou que nossas ideias não batem. (...) Eu tenho achado mais fácil me aproximar de mulheres por conta disso... Porque a conversa já é muito... é de igual para igual, sabe? Os conceitos já estão muito mais pungentes, a forma de entender tudo isso (...). É muito mais fácil você virar para uma mulher e fazer ela entender que o machismo afeta ela do que você virar para um homem e fazer ele entender, tirar ele do lugar de privilégio dele, fazer ele entender como ele afeta as mulheres em pequenas situações.

O posicionamento das entrevistadas assemelha-se ao das “lesbianas políticas” dos anos 1970 em que feministas estadunidenses, tidas como radicais,

defendiam o envolvimento entre mulheres como uma estratégia política coletiva de luta e resistência contra a invisibilidade lésbica, o patriarcado heterossexual, a misoginia, racismo, homofobia e capitalismo. Essas mulheres ressaltam o potencial de mutualidade de um relacionamento homossexual e o assumem como uma maneira de descolonizar o corpo, resistir ao imperialismo e opor-se à servidão das relações heterossexistas (Clarke, 1988).

Segundo Pilão (2017), a liberdade sexual feminina suscita debates no meio poliamoroso, pois alega-se que serviria somente aos homens e, portanto, o poliamor seria mais um instrumento de ampliação da dominação e do privilégio masculino. Algumas mulheres defendem que seria preferível a monogamia, e outras afirmam até que seria ainda melhor não se relacionar com homens por se tratar de uma condição inevitavelmente opressiva. Pallotta-Chiarolli (1995) enfatiza que as mulheres, enquanto pessoas genderizadas crescidas em uma sociedade patriarcal, correm o risco de uma potencial não-monogamia exploradora e coercitiva.

Cardoso (2010) enfatiza, no entanto, que o poliamor assimila profundamente a crítica feminista ao patriarcado, às relações de poder, gênero e heteronormatividade associadas aos relacionamentos afetivo-sexuais e a outras questões como corpo, autonomia e compreensão da pessoa sobre si mesma. Todos estes paradoxos fazem com que as mulheres não-monogâmicas fiquem vigilantes aos comportamentos e práticas de homens do meio.

Como tem sido evidenciado em diferentes pesquisas (Barbosa, 2015; Pilão, 2017; Silvério, 2018; Bornia JR, 2018), elas alegam que muitas vezes os homens se aproveitam de pautas feministas ou das culturas não-monogâmicas para estabelecer relações afetivo-sexuais machistas e opostas a seus discursos igualitários. Muitos são os termos utilizados para caracterizar esses homens, como “esquerdomacho”; “feministo”; “anarcomacho”; “macho desconstruído” ou “moderninho”; além de outras definições correlacionadas como o fato deles buscarem “polisexo” ou “poliputaria”, e não poliamor e a desconstrução das normatividades das relações, sexualidades e gênero.

No caso das participantes da minha pesquisa, a bissexualidade e as relações entre mulheres também se mostram como um ato de resistência contra o machismo nos relacionamentos afetivo-sexuais e uma busca por vínculos mais igualitários, satisfatórios e

prazerosos, indo ao encontro à expectativa de Clarke (1988) de que cada vez mais mulheres “façam-se lésbicas” abertamente como uma política, filosofia, modo de vida ou plano vital.

Pode-se afirmar, assim, que as relações das entrevistadas com outras mulheres são parte constituinte do seu poder de agência, vinculando-se a questões que envolvem a construção de suas identidades, dos seus desejos e de seus posicionamentos políticos de combate ao patriarcado, não podendo, portanto, serem reduzidas a uma suposta pressão masculina para que mantenham relacionamentos não-mono preferencialmente ou apenas com outras mulheres.

Sexualidades Masculinas

Em relação aos homens, é comum nos meios poliamorosos ou não-monogâmicos enfatizarem a própria heterossexualidade, relatando com bem menos frequência identidades, experiências e desejos homoeróticos (Silvério, 2014; 2018; Pilão, 2017; Bornia JR, 2018). Todos os seis entrevistados se identificam como hétero, apesar dos discursos e práticas indicarem que se trata de uma categoria entendida e vivenciada de diferentes formas. Raimundo, 34 anos, atualmente com duas companheiras, afirma que se envolver com outros homens “é algo totalmente neutro. Igual, por exemplo, se eu estou numa festa, num bufete e passar o garçom com um prato de jiló com abobrinha. Não tenho o menor interesse em jiló com abobrinha! [Silêncio] Digamos que o meu interesse não está despertado para isso”.

Jair, 36 anos, iniciou-se na NM com cerca de 25 e atualmente está com duas parceiras. Ele relata que não tem qualquer problema ou aversão quanto a isso. “É uma coisa que nunca me atraiu, mas tenho relacionamento afetivo com alguns homens. O Fulano, por exemplo, marido da Ciclana, eu acho um cara excepcional, acho ele um cara muito bacana. Tipo, se eu tivesse... sei lá... Se ele fosse solteiro, apresentava ele para as minhas irmãs ou para as minhas amigas”. Ele acrescenta que apesar de já ter feito sexo no mesmo ambiente que este amigo, nem assim sentiu desejos sexuais por ele.

Já Ricardo, 23 anos, considera-se poli, mas nunca teve nenhum tipo de relacionamento duradouro e atualmente está solteiro, pontua que acha alguns poucos homens charmosos e atraentes, teve vontade

de beijar ou estar com alguns, mas nunca sentiu uma forte atração. “Das vezes mais próximas de ter um... de transar com outro cara eu não senti vontade, eu não tive... deixei quieto. Nesse sentido, eu virei e falei ‘não, eu realmente...’”. Ele acrescenta que já teve épocas de formação, dúvidas e questionamentos, mas que é “estritamente hétero... com algumas [ênfase] exceções que são tão raras que não vale a pena falar que eu sou bi. (...) Hétero, exclusivamente hétero... Exclusivamente hétero? [Tom de indagação]. Sabe aquela lista⁹? É o zero que é estritamente hétero, não é? Eu seria tipo um...”

Guilherme, por sua vez, conta que por volta dos 17 anos, após o término da primeira relação estável, beijou pela primeira vez um grande amigo, situação que na época se repetia com certa frequência. “Estava com uma menina, aí... ‘ah, vamos beijar...’ E beijávamos, sabe? Coisas assim... Então o pessoal era muito de boa e esse negócio foi bem natural”. Pouco tempo depois, conheceu Cecília e seu então namorado. “Achava ela muito bonita, interessante... Ele também era muito bonito, sabe, um cara alto, loiro, tipo modelo. Eu ficava vendo aquele casal e ‘nossa, gente, que coisa, que coisa’... Fiquei apaixonado”.

Nas primeiras festas em que esteve com Cecília, também beijou outros amigos e o parceiro dela, mas certa vez ele tentou ir mais além. “Eu fiquei incomodado dele querer transar comigo, fiquei meio desconfortável e fui embora”. Conforme a relação com Cecília ficou mais estável, eles optaram por fechá-la durante um longo período. Quando a relação voltou a ser não-monogâmica, Guilherme começou a se envolver e a gostar de um homem com “aspecto bem feminino”, “bem andrógino” e chegou a ficar excitado algumas vezes. “Com esse menino eu acho que poderia ter rolado alguma coisa sim”. Paralelamente, ele também se envolvia com uma mulher trans que não tinha feito cirurgia para mudança do corpo e portanto ainda tinha órgãos sexuais masculinos. “A gente uma vez estava ficando e foi para um motel, mas, enfim, eu broxei. A gente ficou mais assim... mais juntinho. Não rolou sexo não. Achei super legal ter uma intimidade com ela. Foi muito bom”.

Na avaliação de Guilherme, estas duas relações não se desenvolveram de fato “porque foi bem no comecinho e... e os lugares que a gente ficava também não eram propícios e era aquele começo que eu não sabia direito até onde eu poderia ir. Não era o combinado poder transar com alguém”. Ele acrescenta que já pensou bastante sobre sua sexualidade e sabe que não tem problemas em beijar outros homens, acha interessante e em certo nível prazeroso, mas só acontece dentro de um contexto muito específico, “não dá tesão” e nem envolve sexo. “Então, acho que um grau de bissexualidade eu tenho, mas a bissexualidade como é colocada eu vejo como mais ou menos equilibrado o desejo por homens e mulheres. E, no meu caso, não me considero bissexual justamente por não ser tão equilibrado assim... Eu acho que o que eu sinto, o prazer, o que eu gosto é um grau menor, sabe?”

Os relatos de Guilherme assemelham-se aos de um entrevistado de Pilão (2012) que não apenas desvaloriza e minimiza suas experiências homossexuais, tratando-as como algo “comum”, “sem importância”, como também sustenta um discurso de não intencionalidade dos envolvimento, alegando ser “induzido” por outras pessoas a se relacionar com homens, mesmo não fantasiando ou não procurando estes envolvimento.

Bernardo, 34 anos, em sua primeira relação poli há cerca de um ano e meio no formato trisal que coabita juntamente com as três crianças de uma das companheiras, é o único entrevistado que relata ter tido algumas relações sexuais com um primo quando tinha menos de cinco anos de idade. “Aí, os irmãos dele, meus primos, nos pegaram, levaram para o pai dele, que era um sujeito bruto pra caralho, e fizeram um tribunal de inquisição. E eu brinco que até rolava beijinho na boca também [risos]!”

Ele acrescenta que foi bastante galanteado no final da adolescência e sentiu alguma atração por todos os pretendentes, fica excitado ao ver um filme ou imaginar um *ménage*¹⁰ com outro homem, gosta de sexo anal e é muito bem resolvido com seu corpo. “O que é certo é isso... Não posso falar que eu nunca tive vontade de manter uma relação sexual, homossexual, porque eu já tive, mas é como se até hoje [risos]... Não achei

9 O entrevistado refere-se à Escala de Kinsey que classifica a sexualidade em: (0) exclusivamente heterossexual; (1) predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual; (2) predominantemente heterossexual, mas homossexual com certa frequência; (3) igualmente heterossexual e homossexual; (4) predominantemente homossexual, mas heterossexual com certa frequência; (5) predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual; (6) exclusivamente homossexual (Ver em Silvério, 2018).

10 *Ménage à trois* é o termo utilizado para caracterizar uma relação sexual envolvendo três pessoas.

uma pessoa que eu olhasse e ‘pô, quero trepar com esse cara’. Isso nunca aconteceu”. Ele ressalta que esta possibilidade não está descartada, porém é dificultada por apreensões e inseguranças “de ser preterido na história” e pela complexidade de encontrar outro homem bem relacionado com todas essas questões. Adicionalmente, qualquer envolvimento só pode acontecer se Ermelinda também quiser devido ao acordo entre eles.

Todos os entrevistados afirmam trabalhar internamente as questões da heteronormatividade. Pedro, 29 anos, há cerca de seis meses em sua primeira relação NM, relata que nunca teve curiosidade em estar com outros homens e estaria disposto a explorar isso. “Eu tenho tentado quebrar todos os paradigmas que aparecem na minha vida. Então, não estou fechado não. Se surgir uma situação com certeza vou me questionar, tentar quebrar igual eu tenho quebrado essas coisas, esses pensamentos sobre preconceitos e tudo mais”. Guilherme afirma que se tivesse relações sexuais com homens não seria julgado em seu ciclo de amigos e, portanto, não sentiria “o peso da sociedade”.

Bernardo também acredita que já não sustenta esse tabu, não teria motivos para não falar ou investir em possíveis desejos homossexuais, mas enfatiza que no momento tem certa insegurança para desenvolver outra relação e ainda se questiona se o fato de ter sido exposto de forma tão horrível no episódio com o primo não o teria bloqueado. “Claro que pode ser que nunca aconteceu porque eu nunca dei abertura. Pode ser, não é, (...) que isso nunca tenha acontecido porque inconscientemente eu nunca dei espaço, nunca abri espaço. Mas não posso te falar isso agora, não posso te dar uma resposta definitiva para isso. O que posso te falar é que esse é um dos meus exercícios” de reflexão e desconstrução há cerca de quatro anos. Jair faz uma abordagem que parece refletir a realidade de todos os entrevistados:

O machismo me limita muito, me molda muito e aos outros homens, então eu acho sim que.... Não acho que porque as pessoas têm um relacionamento aberto necessariamente ela vai experimentar sexo com parceiros do mesmo sexo em algum momento, mas acho sim que muitas pessoas não o fazem não por não ter vontade, mas por uma questão social. (...) Eu não tive porque não tive oportunidade, não busquei, não me senti motivado para isso. Mas não posso garantir que o meu gosto é independente do meio onde eu cresci. (...) Então, eu não consigo

distinguir do que eu gosto, o que é meu, intrínseco, e o que é ensinado. (...) Não sei... Eu posso falar que eu não fiz porque não quis. Mas eu não posso, (...) não consigo falar se não quis porque é da minha natureza não querer ou porque eu fui tão bem adestrado a não querer e ter aversão a isso que... apesar de eu já ter pensado em outras questões, não ter pensado nessa.

Vale de Almeida (1995) enfatiza que a masculinidade assenta-se fortemente nos aspectos sexuais, fazendo com que a associação à homossexualidade seja uma das ameaças mais comuns. Ele considera crucial a noção de “masculinidade hegemônica”, ou seja, o que está em jogo não é o papel masculino, mas sim uma variedade específica de masculinidade que se sobrepõe a outras. A divisão primordial é entre masculinidade hegemônica e várias outras masculinidades subordinadas. “Ser homem” na interação social não se reduz apenas aos aspectos sexuais, mas a um conjunto de atributos morais de comportamento que é socioculturalmente sancionado. Ainda segundo o autor, a masculinidade hegemônica exige um autocontrole e vigilância elevadas, aplicando-se ao modo de falar e de usar o corpo, ao que se diz, à roupa, dentre outros domínios de interação. Trata-se, sobretudo, de algo do nível discursivo e do discurso enquanto prática, existindo uma longa distância entre o que se diz e o que se faz.

Chama atenção no discurso de grande parte das pessoas entrevistadas na minha pesquisa, nomeadamente dos homens, que mesmo em um modelo relacional que foca na possibilidade de amar múltiplas pessoas de maneiras distintas, o sexo genital é elevado ao critério máximo para se romper com a heterossexualidade. De um modo geral, eles contam que já trocaram beijos, carícias ou afetos, mas nunca sentiram atração ou tiveram relação sexual. Pilão (2012) ressalta que no caso dos homens, a verdade do sujeito está articulada de forma mais significativa à identidade sexual. Neste sentido, uma única experiência, nomeadamente passiva, é suficiente para colocar em dúvida a relação do sujeito com sua identidade de gênero.

Sheff (2006) ressalta que muitos homens poliamorosos também concebem a masculinidade a partir de narrativas sociobiológicas essencialistas de sistemas de dominação. Paralelamente, porém, eles fazem parte de uma subcultura que sobrevaloriza a igualdade de gênero, a liberdade sexual feminina e

as relações íntimas profundas, aspectos que os levam a confrontar duas das principais características da masculinidade hegemônica: o controle dos homens sobre a sexualidade das mulheres e a resistência a emoções e sentimentos.

Diante disso, a autora fala da idealização de uma certa “masculinidade poli-hegemônica” que representa a “masculinidade cúmplice” conceituada por Raewyn Connell: homens que reconhecem e admitem os privilégios do sistema patriarcal, mas beneficiam-se dele sem as tensões do risco de estarem na linha de frente do patriarcado por pertencerem a grupos que o desafiam. Uma questão que contribui para esta “masculinidade poli-hegemônica” é justamente a relação entre gênero e bissexualidade, considerada por Sheff (2006) como tão complexa quanto à relação entre homem e masculinidade.

Predomina entre meus entrevistados a visão de que a sexualidade não é inalterável ou definitiva. Jair, por exemplo, alega que considera “isso de hétero e homo” muito binário e pontua que “a vida não é assim! É uma gama de situações e muitos casos, muitas formas de me relacionar”. Ricardo complementa que isso “é muito pequeno, muito simplista porque a sexualidade é fluida. E isso é fato. A sexualidade é fluida. Não é o seu identificador. Você não é você porque é hétero ou gay... ou o que quer que seja e ponto. (...) Não precisa se prender, não precisa se torturar pelo que está passando agora”.

A clareza destas alegações, no entanto, diverge das incertezas, imprecisões e dúvidas referentes às próprias vivências, desejos e identidade, demonstrando que os homens poliamorosos também continuam presos ao que Foucault (1988) define como a verdade do sexo ou ao que Mint (2008) considera como um processo de dependência da “vinculação genital”: um mecanismo de poder e controle sociocultural que correlaciona todos os aspectos da vida de uma pessoa à sua vida sexual, entendida como estritamente genital. “Em outras palavras, com quem você faz sexo (ou quer fazer) é assumido como uma característica fixa, uma resposta à pergunta de que tipo de pessoa você é ou uma parte essencial da personalidade pela qual você

é valorado ou negado valor” (Heckert e Cleminson, 2011: 5).

Segundo Sheff (2014), o tipo de arranjo sexual mais procurado por homens poli nos grupos de apoio, fóruns *online* e anúncios pessoais é um trio entre duas mulheres bissexuais e um homem hétero¹¹. A maior parte, entretanto, não consegue acesso regular a sexo com mais de uma mulher, mantendo a busca às vezes por mais de uma década. Alguns que conseguem afirmam que não corresponde a suas idealizações e percebem que frequentemente não são o centro da atenção.

Mint (2008) enfatiza que, de um modo geral, homens com expectativas sexistas tendem a abandonar os meios poliamorosos, e os hedonistas costumam se encaixar bem, misturando suas variadas práticas sexuais com sua socialização poliamorosa. Já em Bornia JR (2018), a principal reclamação acerca da condição própria da masculinidade é a dificuldade em atrair e ficar com mulheres. Alguns homens não-mono até se comparam com as namoradas e admitem se sentir em desvantagem, pois elas têm mais êxitos e se envolvem com mais pessoas.

Todos eles debatem sobre esse impacto negativo na vida dos homens, embora ressaltem que os meios aos quais pertencem coexistem ou sobrepõem-se às questões LGBTQIA+, não havendo problemas de aceitação de sexualidades ou atividades não-hegemônicas. Porém, Sheff (2014) e Silvério (2014; 2018) mostram que a bissexualidade feminina no poliamor, assim como nas culturas monogâmica ou swinger, é altamente valorizada, e a masculina é vista como uma ameaça à heterossexualidade dos outros homens e pouco atraente para as mulheres. O duplo padrão pode levar à homofobia, estigmatização e também transformar os bissexuais em objetos de desejo de outros homens que buscam somente sexo e não relações íntimas profundas.

Pilão (2012; 2017) enfatiza que nos universos poliamorosos os envolvimentos homoeróticos entre homens também são muito mais associados à homossexualidade do que entre mulheres, fazendo assim com que o perigo de “feminilização” seja

11 Casais que buscam este arranjo são chamados de “caçadores de unicórnio”, situação extremamente problematizada no meio. A ideia é que a solteira supra as necessidades do casal e viva em sua função, sem ter voz ativa ou outras relações. Espera-se, ainda, que ela saia do arranjo quando o casal considerar conveniente e preferencialmente esteja disposta a cuidar das crianças ou a fazer trabalhos domésticos. O termo “unicórnio” exprime a ideia de raridade das mulheres que queiram ou se dispõem a vivenciar esses relacionamentos. Em comunidades poliamorosas de língua inglesa, esta mulher bissexual também é chamada de “hot bi babe” (HBB).

muito mais evidente entre os homens do que o de “masculinização” entre as mulheres. Assim, ele afirma que a relação sexual entre homens parece representar um risco de ruptura com sua identidade de gênero, tensionando-os a se identificarem como “gays” ou “héteros” e dificultando a elaboração de um “entre-lugar bissexual”. Já no caso das mulheres, a bissexualidade seria, segundo o autor, desejada e vista como um “adereço” à sua identidade. Diante dessas questões, Veaux e Rickert (2014) alegam que os homens bi tendem a ser inexistentes, raros ou invisíveis nas comunidades poli.

Mesmo assim, percebe-se uma crescente problematização da heterossexualidade masculina, principalmente entre os mais jovens, que a associam ao conservadorismo e a enxergam como um problema. Há estímulos entre amigos a envolvimento entre homens e à bissexualidade, nem que seja por “brincadeira” (Bornia JR, 2018). Segundo Pilão (2012; 2017), nos grupos poliamorosos brasileiros nas redes sociais, a bissexualidade é ressaltada por mulheres e homens como o ideal a ser alcançado, o caminho para a não-monogamia e os relacionamentos como um todo. As identidades hétero e homossexual são consideradas “limitadoras” da expressão da afetividade e da sexualidade, semelhante ao que ocorre com a monogamia, fazendo com que a bissexualidade seja entendida como “libertadora”, uma possibilidade de ampliar os relacionamentos.

Entre os seis entrevistados, nota-se que falar sobre a própria sexualidade gera muito mais indagações, reticências, interrupções e descontinuidades de raciocínio do que os vários outros assuntos abordados com segurança. Apesar da nítida aceitação, compreensão e defesa da diversidade sexual; da ruptura com alguns comportamentos da masculinidade hegemônica; e da disposição para se envolver com outros homens, a possibilidade da não-heterossexualidade causa muita resistência e conflitos para a construção da própria identidade, orientação e desejos sexuais.

Considerações Finais

De acordo com Foucault (1988), a naturalização da monogamia nas sociedades ocidentais, principalmente a partir do século XVIII, também faz com que a sexualidade do casal heterossexual se transforme em regra e deixe de ser o centro das

preocupações, submetendo as demais sexualidades a análises meticolosas. Heckert (2004) afirma que por causa de sua predominância dentro da hierarquia de orientação sexual e sua definição como “normal”, a heterossexualidade é presumida e constantemente visível a ponto de se tornar invisível.

Diante disso, neste artigo procurei analisar como oito mulheres e seis homens que mantêm relações poliamorosas heterossexuais compreendem sua sexualidade em termos de orientação, identidade, vivências e desejos, verificando assim como a sexualidade hegemônica tem sido transformada e resignificada. Prevalece um discurso que enfatiza e celebra a diversidade, reconhecendo que a sexualidade é múltipla e fluida. Apesar disso, a definição da própria sexualidade é notadamente fundamentada e vivenciada na lógica binária, nomeadamente entre os homens entrevistados.

De modo geral, observa-se entre os homens poli uma tentativa acentuada de romper com os padrões da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica em busca de vínculos mais igualitários, embora algumas dinâmicas de gênero sejam reproduzidas nas relações. Pode-se dizer, assim, que eles constroem e expressam sua masculinidade e heterossexualidade de maneiras múltiplas e muitas vezes contraditórias, fazendo com que tais hegemonias sejam simultaneamente desafiadas e mantidas. Já no caso feminino, uma simples curiosidade em se envolver com outra mulher pode ser suficiente para as entrevistadas subverterem ou renegarem sua heterossexualidade, sem que isso seja descrito necessariamente como fonte de ansiedade e medo. Pelo contrário, aparece em tom celebratório por demonstrar agência própria para romper com padrões e relações machistas.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Mônica, *Poliamor e Relações Livres: Do Amor à Militância Contra a Monogamia Compulsória*, Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

BORNIA JR, Dardo Lorenzo, *Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil*, Tese de doutorado em Antropologia, Rio Grande do Sul, UFRGS, 2018.

BUTLER, Judith, *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*, New York, Routledge, 1990.

- CARDOSO, Daniel, “Amores Plurais Situados - Para uma Metanarrativa Socio-histórica do Poliamor”, *Tempo da Ciência*, 25, (48), pp. 12-28, 2017.
- CARDOSO, Daniel, *Amando Vári@s: Individualização, Redes, Ética e Poliamor*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Lisboa, FCSH, 2010.
- CLARKE, Cheryl (1988), “El Lesbianismo: Un Acto de Resistencia”. In: MORAGA, Cherríe e CASTILLO, Ana (eds.), *Esta Puente, mi Espalda: Voces de las Tercermundistas en los Estados Unidos*, São Francisco, ISM Press, pp. 98-107, 1988.
- FERNANDES, Luís; CARVALHO, Maria Carmo, “Por Onde Anda o que se Oculta: o Acesso a Mundos Sociais de Consumidores Problemáticos de Drogas através do Método ‘Snowball’”, *Toxicodependências*, 6, (3), pp. 211-231, 2000.
- FOUCAULT, Michel, *A história da Sexualidade I: a vontade de saber*, Rio de Janeiro, Edições Graal, (1988[1976]).
- HARITAWORN, Jin; LIN, Chin-ju; KLESSE, Christian, “Poly/logue: A Critical Introduction to Polyamory”, *Sexualities*, 9, (5), pp. 515-529, 2006.
- HECKERT, Jamie; CLEMINSON, Richard, “Ethics, Relationships and Power: an Introduction”. In: HECKERT, Jamie; CLEMINSON, Richard (eds.), *Anarchism & Sexuality: Ethics, Relationships and Power*, New York, Routledge, pp. 1-22, 2011.
- HECKERT, Jamie, “Sexuality / Identity / Politics”. In: PURKIS, Jonathan; BOWEN, James (eds.), *Changing Anarchism: Anarchist Theory and Practice in a Global Age*, Manchester, Manchester University Press, pp. 101-116, 2004.
- MCLEAN, Kirsten, “Negotiating (Non)Monogamy”, *Journal of Bisexuality*, 41, (1-2), pp. 83-97, 2004.
- MINT, Pepper, “Polyamory is not About the Sex, Except When It Is”, (Online). Disponível em: <https://freaksexual.com/2008/01/31/polyamory-is-not-about-the-sex-except-when-it-is/>, 2008.
- MITCHELL, Melissa; BARTHOLOMEW, Kim; COBB, Rebecca, “Need Fulfillment in Polyamorous Relationships”, *Journal of Sex Research*, 0, (0), pp. 1-11, 2013.
- PALLOTTA-CHIAROLLI, Maria, “Choosing Not to Choose: Beyond Monogamy, Beyond Duality”. In: LANO, Kevin; PARRY, Claire (eds.), *Breaking the Barriers to Desire*, Nottingham, Five Leaves Publications, pp. 41-67, 1995.
- PILÃO, Antonio Cerdeira, “Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups”, *Vibrant-Virtual Brazilian Anthropology*, Florianópolis, v. 18, <https://doi.org/10.1590/1809-43412021v18a503>, 2021.
- PILÃO, Antonio Cerdeira, “Por que Somente um Amor?": Um Estudo sobre Poliamor e Relações Não-monogâmicas no Brasil, Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, UFRJ, 2017.
- PILÃO, Antonio Cerdeira, “Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 44, p. 391-422, 2015.
- PILÃO, Antonio Cerdeira, “Poliamor e Bissexualidade: Idealizando Desvios”, *Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS*, 2012.
- SHEFF, Elisabeth, *The Polyamorists Next Door: Inside Multiple-Partner Relationships and Families*, Plymouth, Rowman & Littlefield, 2014.
- SHEFF, Elisabeth, “Polyamorous Families, Same-sex Marriage, and the Slippery Slope”, *Journal of Contemporary Ethnography*, 40, (5), pp. 487-520, 2011.
- SHEFF, Elisabeth, “Poly-Hegemonic Masculinities”, *Sexualities*, 9 (5), pp. 621-642, 2006.
- SILVÉRIO, Maria, *Eu, tu... ilus: poliamor e não-monogamias consensuais*, Tese de doutorado em Antropologia, Lisboa, ISCTE-IUL, 2018.
- SILVÉRIO, Maria, *Swing: Eu, Tu... Eles*, Lisboa, Chiado, 2014.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel, *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de Século, 1995.
- VEAUX, Franklin; RICKERT Eve, *More Than Two: A Practical Guide to Ethical Polyamory*, Portland, Thor-

ntree Press, 2014.